

O livro didático e a prática docente: uma experiência no ensino de história da maçonaria

Eliane Lucia Colussi¹

RESUMO

O presente estudo propõe-se a fazer uma reflexão sobre a experiência de elaboração de um livro de apoio didático direcionado aos alunos do ensino básico. Entre os objetivos aqui propostos, destaca-se a tentativa de aproximação entre a produção historiográfica acadêmica e a sua transposição didática para alunos e professores da rede de ensino básico. Acredita-se que esta aproximação possa ocorrer a partir do aprofundamento do diálogo entre dois espaços de educação formal oportunizando uma interlocução mais efetiva entre os diferentes agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem por meio da ferramenta que se constitui o livro didático. A experiência aqui relatada foi fruto de uma pesquisa de cunho acadêmico, cuja temática versou sobre a presença da maçonaria no Brasil. Posteriormente, parte da pesquisa empírica e bibliográfica serviu de base para a preparação de uma obra de apoio didático dirigida ao ensino básico, sobre a presença da maçonaria no Brasil do século XIX.

Palavras-chave: livro didático, ensino de história, maçonaria, transposição didática

ABSTRACT:

The aim of this study is to contemplate the experience of elaborating a didactic book for students of basic teaching. Among the proposed goals, the trial of approaching academic historiographical production and its didactic transposition for students and teachers of basic teaching is emphasized. It is believed this approximation may occur from the deepening of dialogue between two spaces of formal education, making possible a more effective interlocution among the different agents involved in the teaching-learning process through the tool which constitutes the didactic book. The experience here reported, yielded from an academic investigation, whose theme was on the presence of masonry in Brazil. Following this, part of the empirical and bibliographical investigation served as basis for the preparation of a work for didactic support for basic teaching, on the presence of masonry in Brazil of the XIX century.

Key-words: didactic book, History teaching, masonry, didactic transposition

1. O diálogo como experiência necessária

A relação entre a produção historiográfica acadêmica e a sua transposição para o espaço do ensino de história na sala de aula, na rede de ensino fundamental e médio, continua se apresentando, apesar dos debates frequentes, distante e complexa. Talvez um aspecto importante a ser considerado seja o fato de que parte significativa dos docentes universitários

¹ Universidade de Passo Fundo (RS). Doutora em História do Brasil

nunca exerceu a profissão de docência fora do ensino superior. Em razão dessa situação, esses profissionais, na sua maioria, conhecem pouco da complexa realidade escolar brasileira.

Partindo dessa constatação, salienta-se que não partilhamos da crença de que, para que se conheça determinada realidade e para que se possa falar sobre e para ela, precisa-se, necessariamente, vivenciar o cotidiano da escola e suas inúmeras dificuldades. Muitos especialistas, principalmente da área de Educação e da Pedagogia, têm, ao longo de muito tempo, se dedicado a analisar a problemática que envolve a interface entre universidade e escola. Apesar disso, no caso dos docentes de curso de formação de professores de história, observa-se ainda que, com frequência, muitos são indiferentes ao debate.

Como ensinar, orientar, supervisionar conteúdos direcionados a uma comunidade que é desconhecida e, portanto, é anônima no seu sentido *stricto*? Esta constatação pode ser dimensionada a partir de Dominique Borne que argumenta nestes termos: “ensinar a história é, em primeiro lugar, levar os alunos a se apropriarem de uma linguagem específica. Nesse sentido, os conteúdos do ensino são inseparáveis das modalidades de sua transmissão” (BORNE, 1998: 139). Teoria da História, conteúdos, metodologia e técnicas de ensino compõe um mesmo cenário. Pretende-se com este artigo, contribuir para estimular o debate sobre a necessidade ou até mesmo a urgência de se estabelecer uma aproximação maior entre os cursos de licenciaturas, neste caso, a História, e a prática pedagógica em sala de aula.

A elaboração de um manual de apoio didático apresenta um conjunto de exigências, muitas vezes pouco conhecidos por muitos professores universitários. As exigências, quase sempre relacionadas à especificidade do público leitor e ao grau de complexidade dos conteúdos, pode nos levar a dificuldades no processo de construção do texto. Maria Auxiliadora Schmid apresenta algumas possibilidades para solucionar as dúvidas que senti ao me deparar com a questão da transposição didática do conhecimento. Segundo a autora,

o que se procura é algo diferente, ou seja, a realização na sala de aula da própria atividade do historiador, a articulação entre elementos constitutivos do fazer histórico e do fazer pedagógico. Deste modo, o objetivo é fazer com que o conhecimento histórico seja transmitido de tal forma que permita ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História. (SCHMIDT, 2002: 59).

Neste sentido, a metodologia e a didática do ensino e da história são disciplinas fundamentais para que se obtenha resultado qualificado no processo de discussão e elaboração de materiais a serem utilizados como recurso em sala de aula. Metodologia e didática sustentam tanto a qualificação da proposta como as evidências relacionadas à plausibilidade do conhecimento histórico que se está apresentando. É especialmente a área da educação que

tem se dedicando ao estudo e análise dos manuais didáticos a partir de diferentes focos. A história da produção de manuais, a história dos livros e edições didáticas, as dimensões materiais e simbólicas do livro didático. Outro importante foco de análise que contribui em muito para a aproximação entre construção do conhecimento histórico e a sua transposição didática é o que estuda a recepção de correntes historiográficas na produção do livro didático em diferentes contextos históricos.²

A construção do texto sob o olhar da didática da história

A explicação e a interpretação histórica impõe ao pesquisador a observância de um conjunto de cuidados teóricos e metodológicos que venham a conferir plausibilidade a uma determinada produção historiográfica, especialmente quando transposta ao ensino. Na perspectiva da distância entre a produção acadêmica da história e a didática da história, “há um silêncio tácito da maioria e, mesmo, uma rejeição por grande parte dos (as) historiadores (as) sobre a didática da história. Talvez seja esse um debate e um papel que caberia a outros profissionais, como, por exemplo, os da educação” (DIEHL, 2001: 25). Mais importante, os autores questionam sobre que razão se produz o conhecimento histórico se “não nos perguntamos, didaticamente, e agora, o que fazer com tudo isso?”. Para ele esta é a ruptura mais importante, a da universidade e da escola ou a ruptura entre as metodologias da produção e representação do conhecimento histórico e as metodologias da didática. A didática da história precisa considerar os resultados da pesquisa quando questiona e prepara técnicas sobre como e o que deve ser ensinado. Esses saberes precisam ser operacionalizados na sala de aula.

Buscando atingir os objetivos acima referidos para a produção do livro de apoio didático em questão, considerou-se como imperativo a explicitação clara de uma problemática, a utilização adequada de conceitos e categorias históricas, o recorte cronológico além de priorizar transversalidade temática. Acrescente-se ainda o cuidado com a correção e adequação dos conteúdos com a inserção de imagens, gravuras e outras mídias.

A temática do livro já fora definida com antecedência e aparentemente não apresentava problemas. Desde o início do processo de sua elaboração, acreditou-se que o objeto de estudo constituía-se numa problemática considerada relevante ao conjunto do conhecimento histórico: a presença da maçonaria na história brasileira no século XIX

² Importante trabalho nessa perspectiva é de CAIMI, Flavia Eloisa. *Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998)*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001.

(COLUSSI, 2002). A relevância, juízo passível de questionamento, poderia estar vinculada tanto ao fato de, no Brasil, existirem poucos trabalhos cujo objeto de estudo específico fosse a ordem maçônica, como também o fato de existir, em torno da ordem maçônica, inúmeros imaginários, na sua maioria negativos, concretamente difundidos e perceptíveis, ainda nos dias de hoje, com alguma intensidade. Nesse sentido, a elaboração de um livro de apoio didático pretendeu, desde seu início, preencher uma lacuna em termos da produção historiográfica brasileira, no âmbito da produção de textos didáticos.

Evidentemente, a existência de uma problemática e de um sentido que justificasse a publicação do livro não era, naquele momento, suficiente. Além do interesse editorial-mercadológico, situação que independia da intervenção da autora, a obra deveria estar adequadamente construída, de acordo com as orientações e critérios da própria editora. Nesse sentido, tornou-se imprescindível projetar uma narrativa histórica que além de serem considerados agradáveis e acessíveis aos futuros leitores, contemplasse a importância ou o significado da instituição maçônica no âmbito da realidade social e cultural brasileira no século XIX.

É importante salientar que o texto que estava sendo construído era originalmente de cunho acadêmico, fruto de pesquisa histórica empírica e bibliográfica. Ele, o texto, precisava, estar adequado ao nível de escolaridade do público leitor do ensino fundamental e médio. Assim, foi necessário levar em consideração a diferente experiência cultural desses leitores em potencial. Em muitos momentos do trabalho, chegou-se a acreditar que os conceitos, na sua dimensão abstrata, e que, iam sendo lançados ao longo da narrativa, eram inquestionavelmente de domínio dos professores e dos alunos, futuros leitores da obra. Para surpresa e frustração da autora, inúmeras vezes o texto original precisou ser corrigido e reescrito. Chegou-se a imaginar que o livro nunca deixaria sua condição de projeto de um futuro livro.

Os profissionais da editora, pareceristas responsáveis pela avaliação da obra, perceberam imediatamente o distanciamento e desconhecimento que se tinha da realidade escolar. Parecia evidente que a experiência com a sala de aula na escola de ensino básico era quase nenhuma. A ausência do diálogo mencionado no início deste trabalho refere-se exatamente ao caso ora em discussão. Dessa forma, qual seja das inúmeras correções, constatou-se que o perfil e a experiência cultural dos futuros leitores deveriam ser analisados com mais cuidado. Considerou-se até então e *a priori*, que o público leitor seria um grupo homogêneo.

Contudo, nas primeiras versões do livro, foi produzida uma narrativa linear acreditando-se que os leitores integravam um segmento considerado culto, independentemente do nível escolar. Saliente-se que, para surpresa e frustração da autora, as muitas vezes em que retornavam os originais com orientações para revisão do texto revelaram um pouco da complexa heterogeneidade presenciada pelos professores nas salas de aula. Um recente artigo de revista de história, de circulação para o grande público, chama a atenção e reflete muito bem esse sentimento de estar sendo corrigida, incansavelmente, por anônimos profissionais. O artigo acima referido alerta para o variado leque de caminhos temáticos, teórico-metodológicos “que o professor tem de trilhar junto com seus alunos”. Nas suas palavras, o professor “é bombardeado por uma série de terminologias e conceitos que, não poucas vezes, são difíceis à sua própria compreensão: ‘imaginário’ ‘sociabilidade’, ‘mentalidades’, ‘historicidade’, etc (RIBEIRO, 2005: 80).

A temática central da obra parecia enquadrar-se perfeitamente nesta realidade *bombardeada* acima: a maçonaria foi e ainda é uma instituição que construiu em torno de si inúmeros mitos e preconceitos. Ao longo da sua história, se propagaram imaginários nebulosos em relação aos verdadeiros objetivos dos maçons ou pedreiros-livres. Os mitos que se difundiram foram muitos: os maçons ou *filhos da viúva* (como também são conhecidos) que abnegassem a maçonaria em prol de uma fé acabaria fatalmente morto; seus ritos seriam todos esotéricos, rituais macabros e diabólicos, existem segredos que nunca devem ser revelados. Enfim, a imagem negativa adquiriu uma intensidade difícil de reverter na qual a crença mais evidente é de que existe uma vinculação entre maçonaria e satanismo.

Desde o século XVIII, para muitas pessoas, os integrantes da maçonaria praticavam e praticam o culto ao diabo, a glorificação a Lúcifer, que seria venerado e a quem deveriam obediência incondicional. Quem construiu e difundiu essa falsa imagem? A origem da imagem negativa da maçonaria deve-se a duas razões principais: primeira, o caráter discreto e fechado da instituição e o juramento de seus membros de jamais revelarem *um segredo*; segunda, os conflitos da maçonaria com a Igreja Católica nos séculos XVIII e XIX, os quais reforçaram a idéia de que ser maçom e ser católico era contraditório.

Desenvolver um texto que desse conta dessa especificidade pouco conhecida da presença maçônica nas diversas realidades históricas foi tarefa árdua. Constatou-se que os profissionais que assessoram as editoras conheciam mais a realidade escolar do que a autora,

uma profissional licenciada em História e docente de muitos anos de um curso de formação de professores. Nesse contexto, observou-se, entre outras questões, que o nosso olhar sobre o fazer pedagógico deveria ser imediatamente revisto, sob pena de se permanecer contribuindo para o distanciamento e a ausência de compromisso da universidade com a formação de professores qualificados. Compreendeu-se, finalmente, a importância de uma aproximação mais efetiva, sistemática e orgânica desses dois mundos viabilizando, quem sabe uma formação mais qualificada dos profissionais egressos desses cursos de formação de professores.

Um momento particularmente rico nesse processo foi aquele que exigiu uma reflexão sobre a questão da narrativa e do tempo histórico assim como do espaço geográfico-cultural. Teria de fazer uma opção teórico-metodológica clara para que a o conteúdo abordado ficasse corretamente explicitado. Um artigo discutindo a realidade escolar francesa contribuiu para uma melhor percepção da problemática em torno de questões desta natureza:

A primeira controvérsia se refere à repartição, no currículo escolar dos diferentes períodos da história. (...) Este primeiro debate, em que as associações de especialistas dos diferentes períodos desempenham, normalmente, seu papel, complica-se então. Ele desemboca numa oposição entre o cronológico e o temático, que repousa, por vezes, na idéia de que o cronológico responderia apenas a um objetivo de memorização passiva, e que somente a abordagem temática comportaria a inteligência e a reflexão (BORNE, 1998: 137).

A partir dessa perspectiva e da convicção de que a questão da narrativa histórica cronologicamente linear predomina ainda na historiografia, tornou-se difícil locomover a análise de uma instituição que, mesmo tendo nascido no final da Idade Média foi adquirindo características particulares nos muitos espaços e tempos onde ela se instalou. Uma das conclusões que se pretendia apontar ao final do texto era exatamente a de que “não existe uma maçonaria, mas maçonarias”. A opção foi a de construir um texto que, sem deixar de lado o tempo histórico linear, apresentasse aos futuros leitores as principais questões nas quais se observava a presença maçônica na história do Brasil do século XIX.

Esta última opção permitiu que a “transversalidade temática”³, fosse integrante do texto didático. Percebeu-se que o que interessava no estudo sobre a maçonaria no Brasil estava relacionado à história das idéias no Brasil. Dessa forma, conduziu-se a narrativa no sentido de conectar a presença maçônica em diferentes momentos da vida política e intelectual brasileira como umas das instituições ou nos espaços aonde as idéias nasciam eram recebidas e divulgadas. Procurou-se conduzir o leitor no sentido de seguir a trajetória do

³ O destaque tem por objetivo reforçar a questão de que nos parâmetros curriculares em vigor existe especial atenção a necessidade de que se desenvolvam conteúdos a partir da “transversalidade temática”.

processo de secularização da sociedade brasileira a partir de uma instituição, a maçonaria, que não foi única, e nem a mais importante. Entretanto, sua presença deixou marcas profundas não apenas na história brasileira.

A preocupação com o desenvolvimento de uma abordagem que pudesse responder à necessidade de transversalidade temática exigiu também que se estabelecesse conexão entre os diversos aspectos da complexidade do contexto histórico em questão. Assim, o foco central perpassou por questões como o iluminismo, o liberalismo, a história das elites, a presença católica, o capitalismo, o absolutismo, os espaços de sociabilidades, as irmandades religiosas, a secularização dos cemitérios, a independência do Brasil, o abolicionismo, o republicanismo e o sistema educacional no Brasil do século XIX, entre outras.

Não menos importantes foram as exigências quanto às opções relacionadas aos recursos de imagens e de multimídias que deveriam enriquecer e ilustrar a obra. Sem experiência no complexo cotidiano do fazer pedagógico para crianças e adolescentes, a autora não identificava a importância da materialização dos conteúdos abstratos na forma ilustrativa. Sem dúvida, a narrativa textual se completa, muitas vezes, com maior intensidade por meio da narrativa iconográfica. Nesta perspectiva, *descobriu-se* que muitos profissionais vêm estudando a questão e publicando trabalhos importantes, como é o caso de Thais Nívia de Lima e Fonseca. Para a autora, “a capacidade informativa das imagens há muito percebida por autores de livros didáticos e formuladores de propostas para o ensino de história”. (LIMA E FONSECA, 2001: 115).

A eficácia das imagens não se restringe a sua competente utilização didática. As seleções feitas devem estar de acordo com a concepção de história, com os objetivos gerais do livro e a mensagem que o autor pretende transmitir. Visualizar a imagem, os signos, as mensagens auxilia a construção da historicidade e a idéia de um passado que concretamente existiu nesses fragmentos. No caso do estudo de uma instituição cuja base se assenta sobre um complexo e variado sistema ritualístico e simbólico, seria fundamental que as ilustrações contribuíssem para que o futuro leitor ampliasse o seu universo de conhecimento sobre a ordem maçônica. Nesse momento, a colaboração dos profissionais da editora foi fundamental tanto na localização de ilustrações e imagens adequadas ao texto proposto quanto na descrição do sentido dessas imagens.

Por fim, colocou-se a questão de como seria a recepção do discurso histórico expresso no livro didático. Muitas vezes questionou-se sobre a importância do estudo e de que forma ele seria recebido por professores e alunos. Quando se torna público e disponível o livro, ele deixa de estar sob o domínio do autor. Muito provavelmente os leitores, professores, alunos e

curiosos sobre o tema, o criticaram, analisaram e construíram sentidos que podem ter ido muito além da proposição e dos objetivos iniciais. Tal situação, se, de fato, ocorreu, garantiu validade ao tempo dedicado a essa tarefa. Terá valido a pena tanto como professora quanto como historiadora que acredita não haver uma única verdade histórica.

Considerações finais

O relato dessa experiência particular pretende contribuir como um estímulo para que se possa, como profissionais da área da história, independentemente do espaço no qual atuamos, trocar/partilhar conhecimentos e experiências que qualifiquem nossa prática profissional. Dessa forma, e não pretendendo ir além de uma reflexão inicial, apontam-se algumas conclusões constatadas e que, eventualmente, podem ou mesmo precisam ser criticadas e contestadas. Em primeiro lugar, coloca-se a confirmação das dificuldades do diálogo entre o que se ensina na universidade e o que se aplica na escola. O fato de a experiência relatada nesse estudo ter sido fruto de uma pesquisa de cunho acadêmico, especificamente sobre a maçonaria brasileira no século XIX, revela a potencialidade das pesquisas inovadoras ou originais produzidas na universidade e que muitas vezes não chegam aos outros níveis escolares.

Penso que a história das idéias e das instituições onde as idéias eram construídas e divulgadas tiveram um papel crucial na construção da identidade brasileira. Assim, acredito também que o ensino de história deva contribuir para a construção da identidade de uma determinada sociedade ou grupo. Assim, ela “é também libertadora. Os alunos, submetidos, quase permanentemente, a um fluxo de imagens e de palavras não hierarquizadas, devem adquirir pontos de referencia, grades de leitura, um olhar crítico. É por isso, aliás, que é indispensável prolongar os programas até nossos dias. Deste modo, a história não exhibe mais apenas os gestos das civilizações mortas; ela afirma a continuidade da humanidade e ilumina o presente” (BORNE, 1996: 140).

A reflexão pode permitir uma qualificação na transposição didática de determinados conteúdos para alunos e professores da rede de ensino básico de maneira adequada e qualificada. Acredito que o relato dessa experiência particular possa contribuir no sentido de estimular os professores/pesquisadores universitários ao exercício da elaboração de textos direcionados ao ensino fundamental e médio.

A elaboração deste texto exigiu que se fizessem inúmeras ponderações sobre as dificuldades na realização da transposição didática do conhecimento histórico. Constatou-se que ainda se faz necessário e urgente a diminuição do distanciamento entre a

pesquisa/produção intelectual das universidades, especialmente no âmbito das licenciaturas, e sua aplicação ou relação com a realidade escolar no ensino de história.

Referências bibliográficas

- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 69-90.
- BORNE, Dominique. Comunidade de memória e rigor crítico. In: BOUTIER, Jean e; JULIA, Dominique. *Passados recompostos*. Campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Editora da FGV, 1998. p. 133-141.
- CAIMI, Flávia Eloísa. *Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998)*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001.
- COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria brasileira no século XIX*. São Paulo: Saraiva, 2002. (Coleção Que história é esta?)
- COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. 3. ed. Passo Fundo: Ediupf, 2003.
- DIEHL, Astor Antonio; MACHADO, Ironita Policarpo. *Apontamentos para uma didática da história*. Passo Fundo: Clio, 2001.
- FERNANDES, Antonia Terra de Calazanz. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 30, n. 3. p. 531-545, set./dez. 2004.
- LIMA E FONSECA, Thais Nívia de. “Ver para compreender”: Arte, livro didático e a história da nação. In: SIMAN, Lana Mara de Castro; LIMA E FONSECA, Thais Nívia de. *Inaugurando a história e construindo a nação*. Discursos e imagens no ensino de História. Belo Horizonte: Autentica, 2001. p. 91-121.
- RIBEIRO, Renilson Rosa. Fora da realidade. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 79-81, set/ 2005.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.